

Ser mulher-mãe-estagiária-sobrevivente: um relato de experiência sobre o estágio docente em língua francesa no Ensino remoto emergencial

Jakelline Prado dos Santos¹
Sirlene Terezinha de Oliveira²

Resumo

Desde a instauração do estado de emergência sanitária devido à pandemia do coronavírus, em março de 2020, e a consequente adesão ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), todas as pessoas envolvidas em qualquer processo de ensino-aprendizagem tiveram suas práticas pedagógicas profundamente alteradas. Dentre as atividades relacionadas ao ensino, estão os estágios de formação dos cursos de licenciatura, confrontados com o formato à distância em caráter de urgência. Sendo assim, as disciplinas de Estágio 3 e 4 do curso de Letras: Francês da Faculdade de Letras (FL/UFG), para as quais é prevista a elaboração de materiais didáticos, eventuais semi regências e a concepção de um plano de trabalho a ser realizado no quarto e último semestre, no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG), sofreram uma metamorfose intensa. Nesse sentido, entre agosto de 2020 e junho de 2021, pode-se dizer que construímos um outro CEPAE, outra FL e outro Estágio de Francês Língua Estrangeira. Cada um, literalmente no seu lugar, foi impelido a repensar todo o trabalho daquele ano letivo para um contexto completamente novo, o do ensino remoto emergencial. Foi preciso repensar até o que é ser docente, o que é uma escola, uma sala de aula ou o fenômeno de ensino-aprendizagem como um todo. Tudo isso enquanto sobrevivíamos a uma pandemia, que acentuou a vulnerabilidade de diversos grupos de pessoas, e desempenhávamos, nesse cenário conturbado, nossos outros papéis sociais, como ser mãe. Mas apesar das numerosas dificuldades e desafios dessa conjuntura, fizemos um ano bastante produtivo nas disciplinas de Estágio 3 e 4. Este trabalho tem, portanto, a importante função de relatar um pouco dessas vivências, que transformaram para sempre a vida e carreira acadêmica de quem sobreviveu para poder contar essas narrativas.

Palavras-chave: estágio, língua francesa, ensino remoto emergencial.

Being a woman-mother-survivor-intern: an experience report about the teaching internship in French in emergency remote education

Abstract

Since the establishment of the state of health emergency due to the coronavirus pandemic, in March 2020, and the consequent adoption of Emergency Remote Education (ERE), all people involved in any teaching-learning process have had their pedagogical practices profoundly changed. Among the activities related to teaching are the training stages of degree courses, confronted with the distance format on an urgent basis. Therefore, the Internship 3 and 4 subjects of the Modern Languages: French course at the Faculty of Modern Languages (FL/UFG), for which the preparation of teaching materials, possible semi-registrations and the conception of a work plan to be held in the fourth and final semester, at the Center for Teaching and Research Applied to Education (CEPAE/UFG), underwent an intense metamorphosis. In this sense, between August 2020 and June 2021, it can be said that we built another CEPAE, another FL and another French Foreign Language Internship. Everyone in their place, literally, was compelled to rethink all the work of that school year for a completely new context, that of emergency remote teaching. It was even necessary to rethink what it means to be a teacher, what a school, a classroom or the teaching-learning phenomenon as a whole is. All this while we were surviving a pandemic, which accentuated the vulnerability of various groups of people, and playing our other social roles, such as being a mother, in this troubled scenario. But despite the numerous difficulties and challenges of this situation, we had a very

¹ Graduada em Letras - Francês pela UFG; Professora da área de linguagens da educação básica na rede particular de Goiânia; E-mail: jakelline.prado@discente.ufg.br.

² Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB); Professora de língua francesa no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – UFG; E-mail: sirlenete@ufg.br.

productive year in the Stage 3 and 4 subjects. This work therefore has the important function of reporting some of these experiences, which forever transformed the lives and academic careers of those who survived to be able to tell these narratives.

Keywords: internship, French language, emergency remote teaching.

Introdução

Desde o primeiro semestre do ano de 2019, nós, então estagiários de licenciatura em Letras Francês fomos nos familiarizando pouco a pouco com o espaço do CEPAE/UFG (Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás). Dessa forma, durante as vivências dos estágios 1 e 2, fomos apresentados à dinâmica organizacional e aos diversos ambientes da escola, desde os pátios, passando pelas coordenações e biblioteca, até a sala de aula. Orientados pelas reflexões e práticas construídas junto aos professores do estágio e da escola, bem como pelas teorias do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, como futuros docentes, fazíamos o movimento de nos tornarmos cada vez mais ativos ao longo dos quatro estágios de Francês língua estrangeira. Ou seja, de protagonizar pouco a pouco a docência, esse lugar de mediação no processo de ensino-aprendizagem, começando como observadores ao final do estágio 1 e assumindo as aulas, durante uma escala inteira (bimestre), de uma turma ao final do estágio 4.

Sendo assim, na terceira parte do estágio, seria o momento de planejarmos e realizarmos atividades e aulas esporádicas, bem como elaborar nosso plano de trabalho para o semestre seguinte, nosso último semestre de estágio nesse CEPAE que conhecemos e com o qual nos familiarizamos. No entanto, o que seria o início desses trabalhos não passou de boas-vindas, apresentações, assinatura de documentos e planos para todo aquele semestre promissor que vislumbrávamos pela frente. No dia 16 de março de 2020, foi declarado o estado de emergência devido à pandemia pelo coronavírus, com os casos de COVID-19 aumentando ao redor do mundo inteiro. Foi determinada, portanto, a suspensão das aulas de todas as unidades acadêmicas da UFG. E, ao longo dos próximos quase dois anos, a não ser no dia daquela emocionante colação de grau, de onde saímos não apenas licenciados, como também sobreviventes, não retornamos jamais àquele campus, àquele Faculdade de Letras ou àquele CEPAE, espaços dos quais nos

tornamos íntimos depois de tantas vivências, onde tanto aprendemos, evoluímos e construímos.

Nesse ínterim, durante todo o período compreendido entre agosto de 2020 e junho de 2021, pode-se dizer que construímos um outro CEPAE, uma outra Faculdade de Letras e outro Estágio de Francês Língua Estrangeira. Cada um, literalmente e mais do que nunca, no seu lugar, foi impelido a repensar todo o trabalho daquele ano letivo para um contexto completamente novo, o do ensino remoto emergencial. Eu diria que foi preciso repensar até o que é ser docente, o que é uma escola, uma sala de aula ou o fenômeno de ensino-aprendizagem como um todo. Mas apesar das numerosas dificuldades e desafios dessa conjuntura, fizemos um ano bastante produtivo nas disciplinas de Estágio 3 e 4, e o presente trabalho tem a importante função de relatar como se deu esse trabalho singular, na minha perspectiva, com tudo que me atravessou e me atravessa do lugar do mundo de onde eu falo.

Enfim, dois anos depois, cada um de nós que sobrevivemos, teve e terá outras experiências de vida e de educação, todas elas inevitavelmente afetadas por aquele tempo-espaço. Portanto, neste artigo, são discutidos aspectos teórico-metodológicos do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras com a necessidade de se recorrer ao ensino remoto em caráter emergencial, bem como minhas perspectivas e experiências ao lado dos diferentes sujeitos que fizeram parte desse movimento que rompeu as paredes das nossas salas de aula, da nossa universidade e da nossa escola: professores da educação básica, professores universitários, estudantes da educação básica e outros estudantes estagiários.

Considerações acerca da adesão ao Ensino Remoto Emergencial (ERE)

Independentemente da familiaridade de cada um com as ferramentas digitais convenientes ou voltadas para o ensino, é fato que absolutamente ninguém estava preparado para a eclosão de uma pandemia que viria, dentre outras mudanças, nos confinar a todos (na verdade uma parte, pois poder se manter isolado é um privilégio que muitos não tiveram) e promover alterações radicais e profundas em nossas práticas pedagógicas. Como pontua o professor Lahoucine Ait Sagh, em um artigo da edição de julho de 2020 da revista *Français dans le monde*, mesmo para um professor já iniciado no ensino à distância e nas plataformas, foram grandes os desafios para se transpor nas

turmas virtuais as práticas de ensino. Não houve tempo hábil para ninguém se capacitar, se familiarizar, de forma que estudantes e professores não estavam iniciados nem habituados a essa dinâmica do ensino remoto. Além disso, sendo o Brasil, um país estruturado em profundas disparidades socioeconômicas, há ainda o desafio das diferentes condições espaciais e de acesso a aparelhos eletrônicos e à internet nos lares dos estudantes. Em suma, apesar das vantagens e possibilidades que as tecnologias mais recentes oferecem à educação básica e ao ensino de línguas estrangeiras, a emergência e a obrigatoriedade do novo formato trouxeram intensos entraves ao processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, somando-se ainda o contexto de pandemia e crise sanitária, na Universidade Federal de Goiás e na Faculdade de Letras houve intensos debates acerca do retorno das aulas. Ainda que a posição da maior parte da comunidade acadêmica da FL/UFG, manifestada em assembleia e votação virtuais, tenha sido contrária à adesão ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), conforme decisão vertical tomada, em julho, em Conselho Universitário e sem consulta ou diálogo com o corpo discente, retomamos as aulas em 31 de agosto de 2020. No entanto, ao menos de acordo com a minha experiência, as professoras foram bastante atentas e atenciosas, tendo adaptado muito bem seus planos de ensino para a nova realidade, de forma que tanto os momentos síncronos quanto as atividades assíncronas não se tornaram exaustivos. Outrossim, também não houve prejuízo nos conteúdos trabalhados, e no caso do estágio, tivemos a oportunidade de nos aprofundarmos mais no uso de tecnologias e plataformas digitais no ensino-aprendizagem de línguas, um assunto que já estava previsto na nossa ementa.

Como mencionado, no mês de julho de 2020, foi determinado o retorno das aulas da UFG, sob as condições do ERE (ensino remoto emergencial), para início já na última semana de agosto de 2020. Foi preciso que a Universidade levantasse novamente, entre os meses de março e julho, em caráter de emergência, as condições socioeconômicas do alunado para verificar as possibilidades de retomada do semestre 2020.1 à distância. Dessa forma, entre os meses de março e julho, as professoras e professores do CEPAE, da FL e das demais unidades acadêmicas estiveram correndo contra o tempo para pensar, trabalhar e se capacitar, na medida do possível, para a construção e realização daquele

semestre letivo. Novas políticas de assistência e permanência também tiveram que ser pensadas.

Nesse sentido, o desafio do corpo docente do CEPAE foi maior, por atuarem na educação básica, com crianças e adolescentes com os quais os contatos remotos são bastante reduzidos em comparação aos estudantes universitários, que em sua maioria possuem telefones celulares e acesso a e-mail e redes sociais. Assim, seu primeiro desafio foi localizar esses estudantes e seus familiares.

Em suma, não foi simples nem fácil esse movimento de aprender a utilizar as tecnologias e plataformas digitais na educação já estando inseridos nelas, sem que tivéssemos tempo hábil para capacitações, sem gradação alguma, subitamente. Mas aprendemos coisas que poderemos levar para qualquer contexto de ensino com o qual possamos nos deparar no futuro: para além de conteúdos e experiências pedagógicas, as presentes circunstâncias promoveram um aumento da nossa empatia uns com os outros, de forma que essas experiências modificaram radicalmente nossa formação acadêmica, profissional e humana.

Considerações sobre avaliação e metodologias de ensino-aprendizagem de línguas no ERE

De acordo com o Quadro Europeu comum de Referência para as Línguas, as abordagens metodológicas mais recentes do ensino-aprendizagem de línguas preconizam a comunicação e um papel ativo do aluno, além de uma avaliação contínua por parte do professor. Dessa forma, as abordagens comunicativa e acional (*approche communicative e approche actionnelle*) são caracterizadas pela promoção de práticas nas quais o aluno é inserido em diversas situações de comunicação na língua francesa, fazendo com que ele aprenda a “se movimentar” na língua em diferentes contextos de utilização das habilidades escritas e orais. Dessa forma, de acordo com Cuq e Chnane-Davin (2016), conforme o avanço das metodologias de ensino-aprendizagem de línguas, o papel do aluno foi se tornando cada vez mais o de protagonista da própria aprendizagem de língua estrangeira, de um ator social que age e interage na língua.

Pensando na graduação, é um pouco mais tranquilo seguir essa dinâmica: os estudantes têm um perfil um pouco mais autônomo, por serem adultos, e as professoras e

professores também dispõem de mais liberdade para elaborar suas aulas, para selecionar os materiais didáticos e documentos pedagógicos e para aplicar sua metodologia avaliativa. Já na educação básica, o professor de línguas tem mais entraves institucionais, passando pelo crivo mais estreito do currículo e demais regulamentações padronizadas da escola.

Entretanto, a pandemia veio afetando ambas as realidades em todos os aspectos. Como observam Charroud, Dessus e Osete (2020), a pandemia de COVID-19 e o consequente confinamento devido a ela induziram, de modo forçado e repentino, uma adaptação de toda a organização escolar: interações, aprendizagens, avaliações... tudo deve ser necessariamente à distância por meio dos recursos digitais. Assim, houve uma mudança radical desde a seleção dos materiais didáticos até a dinâmica das aulas. No caso do CEPAE, em um primeiro momento, as aulas síncronas de fato sequer foram possíveis, a não ser pela exceção da atividade síncrona semanal não obrigatória que a professora supervisora realizou com o 3º ano, que possibilitaram a realização das semi regências previstas para a disciplina de Estágio 3. Sendo assim, a aplicação das metodologias que visam o protagonismo do aluno na aprendizagem da língua estrangeira tornou-se muito mais desafiadora ou quase impossível.

Nas aulas do estágio 3, com a professora orientadora, avalio que fomos bem sucedidas nessas práticas mais atualizadas do ensino-aprendizagem: fizemos aulas invertidas, em uma delas conversamos entre nós para escolher um artigo a ser apresentado, as aulas foram sempre bastante interativas, entre outros aspectos. Mas além de ser um contexto universitário, o fato da turma ser extremamente pequena nos deixou mais à vontade para interagir. Já nos encontros síncronos dos quais participamos no CEPAE, foi possível perceber que os alunos tiveram mais dificuldades e receios em se comunicar e interagir com a turma e a professora, demandando um pouco mais de técnicas de insistência e outros desdobramentos por parte dela para que eles participassem. Além disso, as possibilidades tão reduzidas dos blocos de atividades, recursos didáticos que estiveram em voga como único formato no primeiro semestre de 2020, dificultaram imensamente a aplicação de diversos fundamentos metodológicos e avaliativos.

Quanto à avaliação, em qualquer contexto de ensino, ela é e sempre foi uma grande preocupação para professores, alunos e famílias, como pontuam Cuq e Chnane-

Davin (2016). E ao longo da evolução das metodologias na direção do protagonismo do aluno, as abordagens de avaliação foram também caminhando da atestação de conteúdos para a de competências. Sendo assim, mais do que conhecimentos (*savoirs*), o ensino-aprendizagem e a avaliação em língua estrangeira envolvem habilidades relacionadas às ações, comportamentos e ao manejo da própria aprendizagem, o que chamamos em Didática de francês língua estrangeira de *savoir-faire*, *savoir-être* e *savoir-aprendre*³. Neste sentido, o desafio era colocar esses princípios em prática em uma escola pública no atual contexto de limitações.

Preparação para a regência do estágio docente: concepção de um plano de trabalho, escolha do material pedagógico para preparar os planos de aula e a elaboração da *tâche*⁴ no ERE

Desde a instauração do estado de emergência sanitária devido à pandemia do coronavírus, em março de 2020, e a consequente adesão ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), todas as pessoas envolvidas em qualquer processo de ensino-aprendizagem presencial tiveram suas práticas pedagógicas profundamente alteradas. Dentre as atividades relacionadas ao ensino, estão os estágios de formação dos cursos de licenciatura, confrontados com o formato à distância em caráter de urgência. Sendo assim, as disciplinas de Estágio 3 e 4 do curso de Letras: Francês, para as quais é prevista a elaboração de materiais didáticos, eventuais semi regências e a concepção de um plano de trabalho a ser realizado no quarto e último semestre dos estagiários, sofreram uma metamorfose intensa.

É possível dizer, dessa forma, que construímos, em conjunto, uma nova realidade de ensino-aprendizagem. Afinal, a dinâmica da Faculdade de Letras, assim como a do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação e das demais unidades da Universidade Federal de Goiás, foi totalmente alterada. Foi como se tudo aquilo que entendíamos por Escola e por Universidade, ao longo dos anos de graduação e dos dois primeiros semestres de estágio, tivesse desaparecido justamente quando nós, estagiários no ensino de Francês Língua Estrangeira, na última fase do processo, deveríamos finalmente

³ Em tradução literal, *saber fazer, saber ser e saber aprender*.

⁴ *Tarefa*, em tradução literal.

colocar os pés na sala de aula enquanto professores. Assim, muito mais do que antes, nossas práticas foram permeadas pela reflexão do que vem a ser uma professora ou um professor, e qual é o seu lugar nos processos de ensino-aprendizagem e na sociedade como um todo.

Sendo assim, não é nada fácil se preparar para uma realidade de ensino-aprendizagem totalmente diferente daquela com a qual estávamos acostumados desde uma vida e de uma graduação inteiras. Como mencionado, o processo de preparação para a unidade didática realizada no Estágio 4 iniciou-se ainda no ano anterior, na disciplina de Estágio 3, quando escolhemos as turmas e os assuntos a serem abordados em nossa atuação na regência do estágio curricular, e começamos a elaborar nossos planos de trabalho. Dessa forma, a concepção dos nossos planos de trabalho se deu durante e para o Ensino Remoto Emergencial, ou seja, enquanto ainda nos habituávamos à nova realidade social e educacional. Tivemos que pensar uma unidade didática inteira que fosse possível dentro de todo esse contexto. É importante lembrar que não se tratou simplesmente de oferecer cursos *online* ou *à distância*, e sim de uma adesão ao modo remoto em caráter de emergência que, depois, com mais tempo e estudos, foi de grande relevância para se construir a oferta de cursos e outras atividades on-line que temos hoje.

No entanto, além de toda a orientação e suporte que recebemos das professoras da faculdade e da escola-campo, tivemos, durante todo o processo também, muita autonomia, o que tornou o processo mais consciente e leve, apesar de tantas adversidades. Com isso, escolhi trabalhar com o 1º ano do ensino médio a temática “Aproximações entre o Brasil e o Québec-Canadá”, abordando, a cada aula, questões da história e da sociedade canadense/quebequense com os quais também nos identificamos enquanto brasileiros, como a questão nuclear, a trajetória das conquistas femininas e a resistência dos povos originários. A inspiração surgiu a partir de reflexões feitas na turma de Literaturas de língua francesa 3, quando a professora nos trouxe um pouco da história e da produção poética do Quebec. Me questionei porque não somos mais próximos dessa e de outras francofonias com as quais compartilhamos o continente e um passado de colonização, mantendo nossos olhos sempre voltados à Europa. Então, pude pensar uma unidade didática objetivando despertar os alunos para essas considerações.

Nas últimas semanas de aula do Estágio 3, nos dedicamos à elaboração de parte do relatório de estágio e também dos nossos planos de trabalho para o estágio 4, no semestre seguinte, quando assumiríamos uma escala inteira de uma turma do CEPAE. A turma, na qual realizaríamos essa regência, ficou a nosso critério escolher, contanto que o fizéssemos ainda no estágio 3, para começarmos a nos preparar já pensando num contexto específico, pois elaborar aulas e atividades sem saber ao certo qual será o público-alvo torna o processo um tanto abstrato. Sendo assim, estivemos pensando sobre isso desde o começo do semestre, e inicialmente, eu havia optado pelas turmas iniciais de Francês no CEPAE, que são o 6º e o 7º anos. No entanto, as muitas limitações para trabalhar com essas turmas me deixaram um pouco desmotivada e perdida sobre o que poderia ser feito nelas, como o nível de língua e também a incerteza sobre a possibilidade de realizar aulas síncronas com esses alunos no semestre posterior. E, por fim, eu optei pela turma do 1º ano do ensino médio.

Além dos fatores mencionados, o que me levou finalmente a optar pelo 1º ano foi o tema que me trouxe inspiração para as aulas. Como já mencionado, uma das outras disciplinas que cursei no primeiro semestre da pandemia foi a de Literaturas de língua francesa 3. A partir da segunda metade dessa disciplina, a professora trabalhou conosco um pouco da história e da produção poética do Québec, o Canadá francófono. Por esse conteúdo estar alinhado à sua formação, a professora pôde nos oferecer um bom panorama dos aspectos históricos e poéticos do Canadá francês.

Assim, foi apresentada uma breve linha do tempo das características da poesia quebequense, e a partir de então que eu comecei a me questionar porque não somos mais próximos do Québec, porque não somos mais familiarizados com a cultura desse lugar. Nessa perspectiva, analisei, a partir do estudo da produção poética e de alguns aspectos históricos, que a subjetividade quebequense é muito mais próxima da nossa, brasileira, do que a francesa, pelo que estudamos antes sobre a poesia francesa dos séculos 16 a 19. Assim como eles, também estamos na América, no outro mundo, também fomos colonizados por nações europeias (embora aqui mais para o sul o processo tenha sido mais violento, entre outras singularidades).

Dessa forma, pude perceber que as questões identitárias, por exemplo, estão fortemente presentes desde o que é tido como o início da produção literária do Québec, o

que não se observa na produção francesa. Uma curiosidade interessante é que o Québec tem até “o seu Pero Vaz de Caminha”: os poemas de Marc Lescarbot (1570–1641), francês, são considerados os primeiros poemas daquela terra, e como os das cartas de Caminha, cantam a natureza e os povos nativos daquele lugar ainda inexplorado pelos colonizadores.

Tendo em vista todos esses aspectos, o primeiro material que selecionei para a construção da minha unidade didática foi o curta-metragem Crac (1981), do diretor quebequense Frédéric Back (1924-2013). No mencionado curso de Literatura, a professora nos apresentou o vídeo da animação, disponível no YouTube (<https://youtu.be/xsWU-nksQWA>), como material complementar sobre o Québec. O curta, que tem duração de 15 minutos, nos mostra a história de uma cadeira de balanço artesanal de madeira através de várias gerações. A cadeira é, na verdade, um pretexto para contar a história do próprio Québec: os desafios do clima extremamente frio, a forte relação com a terra, as tradições familiares, algumas lendas, as tensões linguísticas, as rupturas entre as gerações, os movimentos políticos e sociais, dentre outros. Sendo assim, selecionei 3 temáticas que me chamaram mais a atenção no filme e, conseqüentemente, na história do Québec: o papel social da mulher, o lugar dos povos indígenas e a questão nuclear.

Portanto, elaborei um plano de trabalho geral tomando o curta-metragem Crac (1981) como ponto de partida e pensando em desenvolver ao longo das aulas outros temas que o filme suscita. Então, iniciamos a disciplina de Estágio 4 em março de 2021 com a realização de ajustes no plano de trabalho e com a elaboração do primeiro plano de aula completo antes de, finalmente, entrar em sala de aula alguns dias depois. Durante as semanas de regência, os planos de cada aula foram sendo elaborados e discutidos com a professora supervisora da escola campo e com as professoras orientadoras, de modo que a escolha dos materiais didáticos foi feita de maneira gradativa e orientada.

O Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas: aprendizagem, ensino e avaliação (2001) propõe uma abordagem voltada para a ação, que prioriza o uso de documentos autênticos. Sendo assim, todos os planos de aula foram construídos com base em um material que provinha de um contexto autêntico. Esse processo de pequenas pesquisas para a seleção dos documentos foi de muito aprendizado, e talvez ainda mais

visando o ensino remoto. Acredito que essa circunstância acabou contribuindo para que o nosso horizonte de possibilidades se expandisse. Para a unidade didática que me propus a planejar e executar, selecionei, ao longo do período de regência, materiais autênticos que traziam diversos gêneros discursivos em diferentes formatos, como clipe de música, fotografia de um monumento quebequense, vídeo com definição de dicionário, infográfico. Além disso, elaborei um jogo de verdadeiro ou falso para me apresentar no primeiro dia de aula e um quiz através da plataforma Kahoot sobre energia nuclear no Brasil e no Québec.

Houve ainda a elaboração de uma *tâche*, terminologia utilizada nos estudos de Didática em Francês Língua Estrangeira para a tarefa final da unidade didática pensada com base na já mencionada abordagem voltada para ação. A unidade didática deve, de acordo com essa metodologia, caminhar para a realização dessa *tâche* ao final do processo, de maneira que, ao longo das aulas, sejam trabalhados conteúdos e perspectivas que permitam aos alunos a construção de todo o repertório que precisam mobilizar para a realização dessa tarefa. Acredito que o mais adequado é pensar primeiramente a tarefa final e em seguida elaborar a unidade didática de acordo com as demandas dela. Mas o processo acabou acontecendo ao contrário nessa primeira experiência: inicialmente, pensei em uma sequência de aulas temáticas e só depois comecei a pensar em uma *tâche* que fizesse sentido para o final dela. Essa peculiaridade no planejamento acabou protelando as instruções e o processo de construção da tarefa final que eu me propus a realizar com os alunos, um fanzine digital, com o tema “Conexões entre Brasil e Quebec-Canadá”.

Em suma, as experiências relacionadas à preparação nesse processo de estágio me proporcionaram muito crescimento e reiteraram a importância do planejamento docente nos processos de ensino-aprendizagem. Além disso, foi possível que desenvolvêssemos maior habilidade na elaboração de materiais e dos planos de trabalho e de aulas. Assim, na fase final da regência, percebi que eu já me encontrava mais ágil na seleção de um documento para construir uma aula e também que meus planos de aula foram se tornando mais sucintos e claros a cada semana.

A regência no ERE: uma experiência de execução de um plano de trabalho

Se entre o planejamento e a execução de uma sequência didática, na modalidade presencial, já encontrávamos muitos desafios e mudanças de percurso, no ensino remoto essa distância entre as expectativas e a realidade encontrada é ainda maior. Na realização do meu plano de trabalho, as principais dificuldades que me confrontaram foram a gestão do tempo, a interação dos alunos, a mediação das tecnologias e a insegurança.

No que diz respeito à gestão do tempo, para mim foi uma dificuldade administrá-lo dentro e fora da sala de aula. Prever o tempo de execução de aulas e atividades e gerir o próprio tempo de preparação são habilidades que vamos construindo conforme a experiência. E essa também é uma questão que toca o planejamento, cuja importância foi intensamente reafirmada durante a execução do meu plano de trabalho.

Em relação à (falta de) interação dos alunos, esse aspecto representou um desafio compartilhado entre as professoras e os professores que trabalharam no contexto do ensino remoto emergencial. A distância geográfica e ao mesmo tempo a "intrusão" no espaço domiciliar dos alunos acabam por estabelecer uma complexa distância emocional. Naqueles dias, romper essa barreira era uma das principais questões das reflexões pedagógicas vindas das mais diversas partes do mundo. A nossa percepção sobre as emoções dos alunos e sobre a recepção deles às nossas propostas de aula fica limitada, sobretudo quando eles não ligam as câmeras e/ou não falam, o que no caso das aulas regidas por mim foi bastante frequente. Os alunos que participavam constituíam quase sempre um mesmo grupo pequeno, mas, considerando todo o contexto, eu fiquei satisfeita com a participação deles. Diante disso, o que eu fiz para tentar motivá-los a participar das aulas foi propor atividades de expressão oral utilizando ferramentas digitais de sorteio, como a plataforma *Picker Wheel*. Além disso, propus atividades simples de produção escrita utilizando o *chat* da plataforma *Google Meet* e também os jogos já mencionados.

Outro desafio foi procurar manter o equilíbrio das competências do ensino-aprendizagem de Francês Língua Estrangeira trabalhadas ao longo da unidade didática. As diversas limitações impostas pelo Ensino Remoto Emergencial dificultaram a prática das competências orais, sobretudo a expressão. Dessa forma, acredito que as competências escritas acabaram sendo privilegiadas nessa minha experiência.

Embora as barreiras a se transpor tenham sido muitas, diversos fatores, por sua vez, foram facilitadores e essenciais para o sucesso dessa experiência prática de estágio. Assim, o apoio de todas as envolvidas nesse trabalho, as professoras orientadoras, a professora supervisora e minha colega, foi fundamental para que esse momento tão especial, que é a primeira regência, tenha sido tão frutífero. Nossas aulas aconteceram nas manhãs de segunda-feira, com duração de 1 hora. Os momentos teóricos, fora da escola-campo do estágio, foram substituídos por encontros semanais de orientação com as professoras orientadoras e com a professora supervisora. Para esses encontros, era prevista a apresentação e discussão do plano de aula subsequente a ser executado. Dessa forma, com a ajuda das professoras, nossas ideias e objetivos foram sendo estruturados de forma mais eficiente. Por último e não menos importante, recebi um suporte das professoras e da minha colega que foi para além das questões acadêmicas, de maneira que não teria sido possível que eu chegasse até aqui sem todas essas trocas.

Sobre a realização da *tâche*, também foi imprescindível o engajamento das professoras e, claro, dos alunos. A professora orientadora me apresentou algumas ferramentas digitais que poderiam ser úteis para a construção da tarefa proposta, um fanzine digital feito pelos alunos. Então, após explorar os recursos de algumas delas, a professora supervisora e eu selecionamos a plataforma Canva para esse trabalho. As funcionalidades do site, entre elas a possibilidade de composição de uma equipe para editar um mesmo documento e a disposição intuitiva das funções, atenderam às nossas necessidades. Além disso, por uma feliz coincidência, em cada um dos 5 grupos formados para construir o fanzine, havia pelo menos um aluno ou aluna que já conhecia a plataforma.

Acredito que a minha apresentação e mediação, isto é, a instrução para a execução dessa tarefa final, poderiam ter sido um pouco mais claras e facilitadoras, mas essa dificuldade foi contornada com encontros individuais de orientação com cada grupo em horário reservado, nas tardes de terça-feira, durante o plantão de dúvidas de Francês Língua Estrangeira no CEPAE. A então professora orientadora e a professora supervisora me ajudaram a pensar e delimitar as possibilidades de gêneros discursivos curtos que poderiam compor a revista, o que facilitou a minha orientação aos alunos e também o trabalho deles. A professora supervisora também dividiu comigo o trabalho de

acompanhamento e revisão dos textos dos alunos, bem como o de montagem do arquivo na plataforma. Assim sendo, meu último encontro com os alunos do 1º ano foi dedicado à apresentação do produto final do trabalho que realizamos: foi o dia do “lançamento” da nossa revista digital, o fanzine intitulado “*Les autres sommes nous: des connexions entre Brésil et Québec-Canada*”⁵. Após a minha fala inicial, a partir do texto de apresentação do fanzine redigida por mim, cada grupo fez uma breve apresentação da sua seção e contou um pouco sobre como foi fazer esse trabalho. Foi um momento emocionante para mim: um misto de sentimento de missão cumprida com lamento por estar chegando ao fim sem termos podido construir o mesmo vínculo que o ensino presencial possibilita. Eu compartilhei esse sentimento com os alunos e as professoras.

Por fim, houve ainda a avaliação, que, como pontuam Cuq e Chnane-Davin (2016), é e sempre foi uma grande preocupação para professores, alunos e famílias em qualquer contexto de ensino. Tendo em vista o momento delicado que estávamos vivenciando, a equipe pedagógica do CEPAE/UFG trabalhou com uma avaliação mais voltada para aquilo que o aluno foi capaz de cumprir. Seguindo esse padrão, que me pareceu coerente, também atribuí os conceitos aos alunos avaliando apenas a realização ou não e a pontualidade dos trabalhos. Avaliei também a participação dos alunos nas aulas, além das etapas que compuseram a construção do fanzine digital, da pesquisa inicial à sua apresentação. Escolhi incluir ainda em minha sequência didática a avaliação pelos alunos. Propus questionários avaliativos, sobre as aulas, na plataforma *Mentimeter*, que permite a criação de enquetes e outros gêneros com as respostas anônimas. Sendo assim, apliquei enquetes de duas perguntas cada, uma na primeira aula, outra durante o período de realização da *tâche* e mais uma no meu último encontro com eles. Pedi que eles avaliassem a dinâmica das aulas, as dificuldades e aspectos positivos da realização da tarefa final e também a minha atuação docente em geral, incluindo pontos a serem melhorados. Isso me ajudou na elaboração dos planos de aula, na condução da tarefa final e na minha autorreflexão diante dessa experiência de estágio curricular docente.

⁵ “*Os outros somos nós: conexões entre Brasil e Québec-Canada*”.

Perspectiva discente: ser mulher, mãe, estudante e estagiária no Ensino Remoto Emergencial

A escola e a universidade são espaços historicamente negado às mulheres. Ainda que muito tenha mudado, como afirma Simone de Beauvoir (1949), é preciso estar sempre em vigília, pois basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres voltem a ser questionados. Nesse sentido, inúmeros levantamentos demonstram que a produção acadêmica das mulheres despencou durante a pandemia de COVID-19, enquanto a dos pesquisadores homens aumentou. Sendo eu mulher-mãe, enfrentei desafios imensos para me manter estudante e estagiária.

Particularmente, eu tive todo o tipo de dificuldades enquanto estudante no período de Ensino Remoto Emergencial. Para começar, no primeiro semestre, realizei todos os momentos síncronos e demais atividades através de celular velho, o que já limita e dificulta muito, além de ele ter apresentado diversos problemas do microfone à tela. Além disso, à época, minha filha tinha pouco mais de um ano e eu sofro com ansiedade. Entretanto, recusei os convites diários a desistir, e me considero uma grande sobrevivente e vencedora daquele ano de vida e letivo, ambos tão desafiadores. Mas isso só foi possível graças às redes de apoio que construímos durante esse período. Como mencionado anteriormente, a sensibilidade e a dedicação das professoras orientadoras e da professora supervisora foram essenciais para a minha motivação e persistência.

A maior renda da nossa casa, naquele momento, era o artesanato. No entanto, com o fechamento dos estabelecimentos e a crise financeira que se deu, artistas de rua e muitos outros trabalhadores autônomos foram muito prejudicados. Enfrentamos incertezas sobre coisas básicas, e é muito mais difícil estudar e produzir tendo esse tipo de necessidade imediata batendo à porta. Mas eu sempre fui teimosa, teimei em estudar e continuar sempre, mesmo tendo quase caído ao longo dessa estrada muitas vezes. E acontece que teimei também em ser sincera sobre minhas limitações, como não poderia deixar de ser.

Dessa forma, acabei recebendo apoios inimagináveis das minhas professoras. Além da sensibilidade acadêmica, elas me deram apoio material também. As duas professoras orientadoras se juntaram para me presentear com um computador novinho. Qual não foi a minha surpresa, que jamais havia possuído um computador só meu, passei a graduação toda me virando com meu *smartphone* capenga e utilizando também os

laboratórios de informática da faculdade. A professora supervisora, por sua vez, também me apoiou desde muito antes, acadêmica e emocionalmente, quando fui estudante-estagiária-gestante, e depois mãe. Então, nesse momento delicado, ela voltou a me ajudar na mesma medida, além de ter me oferecido apoio financeiro. Meses depois, me tornei professora estagiária no Centro de Línguas (CL/FL/UFG), estabilizando a renda da minha casa, dando início à minha carreira e, é claro, honrando todo o apoio de quem acreditou no meu potencial. Nunca poderei esquecer ou pagar essas dádivas, a retomada do sentimento e direito de pertencimento promovido por essas ações. Sou imensamente grata por isso.

Outros grandes desafios para mim foram a falta dos materiais impressos e da movimentação da escola e da Universidade. É da minha dinâmica sentir, escrever e marcar as páginas, e no meu cantinho da sala de aula virtual, do lado de cá da tela, eu tinha meu caderninho companheiro cheio de fichamentos, anotações de aula e diversos outros registros do trabalho acadêmico dos semestres. Também é da minha natureza compartilhar e trocar conhecimentos. Não há quem tenha convivido comigo na Universidade nos últimos tempos sem saber um pouco sobre como o CEPAE é uma escola maravilhosa que deveria se multiplicar por aí ou sobre os diversos trabalhos e projetos dos quais participei ao longo da graduação. Sendo assim, senti profundamente a falta do ambiente do campus, para o qual nunca mais pude voltar enquanto estudante, dos momentos de interação de antes e depois das aulas e eventos, que perdemos, simplesmente "brotando" nas salas virtuais. Mas o bom foi que, ao mesmo tempo, outras interações foram criadas.

A exemplo da preferência por impressões e cadernos, eu tenho um perfil que tende mais ao analógico, então foi um pouco difícil para mim o manuseio das plataformas e demais recursos digitais, principalmente na imersão profunda e imediata que tivemos que fazer neles. No entanto, hoje considero que valeu a pena ter persistido e o aprendizado foi enorme. Com o intermédio das plataformas *Google Classroom* e *Google Meet*, realizamos atividades com diversos formatos, como gravação e envio de *podcasts*, aulas invertidas com transmissão de telas para apresentar *slides* e outros materiais, elaboração, envio e correção conjunta de atividades e planos de aula, criação de uma sala de aula virtual, discussão de textos teóricos sobre ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras,

entre outras. Adquirimos, portanto, todas essas e outras habilidades, expandindo nossas possibilidades tanto como estudantes quanto futuros professores também.

Em suma, mesmo com os desafios em diversos níveis que nós, estudantes universitários ou da educação básica, enfrentamos ao longo dos meses de isolamento em nossas casas ou com os ambientes e atividades *online*, foi incrível tudo o que conseguimos aprender no semestre que passou. O ensino remoto em caráter emergencial tocou profundamente os nossos modos, práticas e vivências enquanto aprendizes e ainda seguimos aprendendo a nos mover nessas novas realidades e possibilidades, mas o engajamento de todos tornou possível tudo o que pudemos construir de novo.

Considerações finais

Acredito que a oportunidade de ter realizado e de poder relatar uma experiência positiva de estágio supervisionado em uma escola pública, apesar da realidade da pandemia de COVID-19 e de outras circunstâncias pessoais difíceis que muitos de nós enfrentamos, já são grandes privilégios. Por isso, expresso a minha gratidão pela empatia e apoio que recebi, não apenas enquanto estagiária, mas como ser humano em toda a minha complexidade, de todos os envolvidos nas disciplinas de Estágio 3 e 4: as professoras orientadoras, a professora supervisora, minha colega e os alunos do 1º ano.

Muitas escolas, famílias, docentes e estudantes de estágio não puderam desfrutar de uma realidade de ensino-aprendizagem com a metade das possibilidades oferecidas pelo CEPAE/UFG, que, por sua vez, também não esteve livre de situações problemáticas provenientes do contexto excepcional da pandemia. Assim, reitero, mais uma vez, a minha gratidão aos envolvidos na (tão desafiadora quanto poderia ser) fase final do meu processo de estágio.

Enfim, essa experiência de estágio, com apoio mútuo, autonomia, orientação, e mesmo com os desafios que tivemos, foi uma oportunidade valiosíssima de conhecimento, autoconhecimento, autoavaliação e desenvolvimento de uma identidade docente, mostrando-se salutar e divisora de águas em minha formação inicial. Me sinto muito orgulhosa de ter podido ser uma mulher-mãe-estagiária, e é claro, sobrevivente.

Referências

AIT SAGH, Lahoucine. Le confinement a bouleversé nos pratiques enseignantes. *In: Le Français dans le monde*, n. 429, julho-agosto de 2020. Disponível em: <https://issuu.com/fdlm/docs/fdlm429>.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

CHARROUD, Christophe; DESSUS, Philippe; OSETE, Laurence. (2020). Confinement et pratiques évaluatives : une MOOCification urgente et forcée? Évaluer. **Journal international de recherche en éducation et formation**, Numéro Hors-série, n. 1, p. 53-58. Disponível em: <http://journal.admee.org/index.php/ejiref/article/view/218/121>.

CUQ, Jean-Pierre; CHNANE-DAVIN, Fatima. L'évaluation, un paramètre prépondérant en didactique du français langue étrangère et seconde. **L'évaluation à la lumière des contextes et des disciplines**, De Boeck, 2016. p. 91-110. Disponível em: <https://hal-amu.archives-ouvertes.fr/hal-02119745/document>.

QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS – Aprendizagem, ensino, avaliação. Lisboa: ASA Editores II, S. A., 2001.

Link: fanzine “**Les autres sommes nous: des connexions entre Brésil et Québec-Canada**”: Disponível em: https://www.canva.com/design/DAEbjBg2n-Q/r2m1fpruIY5RYbPgRfvPQw/edit?utm_content=DAEbjBg2n-Q&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton.

Recebido em: 15 nov. 2023

Aceito em: 02 jul. 2024